

Entre a Imigração Japonesa e a Emigração no Núcleo Celso Ramos: Resignificando Memórias e Construindo Conexões a partir de Relatos Orais (1980-2000)

Karoline Kika Uemura

Resumo: O Núcleo Celso Ramos foi fundado em 1965 em Curitiba, no Estado de Santa Catarina, a partir de articulações entre o Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina (IRASC) e a Empresa Japonesa de Imigração (JAMIC). A intenção do governo do Estado de Santa Catarina era inserir imigrantes japoneses nesta região para o incentivo da fruticultura. Para tanto, uma estrutura complexa de recepção foi construída a partir de acordos entre os dois governos para a atração e vinda destes imigrantes japoneses. No entanto, para além das articulações governamentais, o fluxo migratório se configurou até a década de 1970, a partir da construção de redes sociais e de uma cultura migratória. No final da década de 1980, outro fluxo migratório começa a se configurar: o movimento *dekassegui*. Um momento no qual vários integrantes dos Núcleos e até famílias inteiras decidem por migrar para o Japão em busca de melhores oportunidades. Os motivos apresentados são diversos, considerando as políticas migratórias no Japão, a cultura migratória e as redes sociais que potencializaram este fluxo migratório. Contudo, os motivos econômicos e a vontade de “voltar à terra natal dos pais” aparecem com mais ênfase nos relatos orais. Estes dois fluxos migratórios – a imigração de japoneses para o Brasil (1960-1970) e o movimento *dekassegui* (1980-2000) – apesar de distintos, possuem relações as quais são construídas tanto por imigrantes como pelos seus descendentes a partir da (re)construção de memórias. Nesta perspectiva, esta comunicação tem por objetivos apresentar reflexões e problematizações sobre as conexões entre estes dois fluxos migratórios, construídas a partir de memórias e relatos concedidos. Com base em Alessandro Portelli, a metodologia da História Oral faz-se relevante, já que a partir dos relatos – concedidos tanto por imigrantes como seus descendentes que se direcionaram ao Japão a partir da década de 1980 – observa-se que os entrevistados ao falarem sobre a sua experiência migratória para o Japão, acabam por contar sobre suas histórias de vidas, sobre o cotidiano no Núcleo Celso Ramos, e sobre histórias da imigração de seus pais e avós. Percebe-se nas narrativas a construção de memórias da imigração as quais são resignificadas no ato de narrar e cruzam-se com memórias da experiência migratória no Japão, as memórias do movimento *dekassegui*. Desta forma, as memórias compartilhadas permitem a construção e análise sobre as conexões de temporalidades, as diversas representações e a construção de identidades no/do Núcleo Celso Ramos. Esta comunicação contém resultados do Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Prof^a. Gláucia de Oliveira Assis, defendido pelo Universidade do Estado de Santa Catarina em 2010.

Palavras-chave: migrações, *dekassegui*, memória

Introdução

Entre as décadas de 1960 e 1970, um fluxo de imigrantes japoneses se configurava para o Estado de Santa Catarina, em específico para o Núcleo Celso Ramos, fundado em 1965, no município de Curitibanos. Eram imigrantes, em sua maioria, provenientes de outros estados brasileiros (Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná) e imigrantes que vieram diretamente do Japão neste período pós-guerra, direcionando-se a este município, localizado na região central de Santa Catarina. Estes imigrantes constituíam um grupo de agricultores e técnicos agrícolas, os quais tinham em comum o sonho de prosperar em novas terras. Esperanças buscadas após a bomba atômica lançada em Nagasaki, cidade natal de alguns destes imigrantes; prosperidade almejada em terras longínquas do Japão em reestruturação pós-guerra, como foi o caso de Carlos, cuja história contada pelos filhos revela o seu sonho de ser fazendeiro no Brasil; para outros imigrantes japoneses, os quais vieram na primeira metade do século XX e que não mais poderiam retornar ao Japão – pelo menos, um impedimento temporário para alguns – e para outros que decidiram por ficar no Brasil, uma oportunidade para a concretização de seus projetos migratórios.

As diversas histórias e memórias sobre a migração de japoneses para o Núcleo Celso Ramos no período pós-guerra foram contadas não somente pelos próprios imigrantes (BORGES, 2004), mas também, pelos seus descendentes. Esta narrativa que constrói memórias da imigração perpassa pela narrativa que se produz no presente, como diria Beatriz Sarlo, a “marca do presente no ato de narrar o passado”. Estas narrativas foram possíveis a partir de nove entrevistas realizadas, nos anos de 2009 e 2010, com homens e mulheres que emigraram para o Japão entre as décadas de 1980 e 2000. Estas entrevistas são parte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em julho de 2010, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Neste projeto, com os objetivos de compreender o fluxo migratório de imigrantes japoneses e seus descendentes, entre Núcleo Celso Ramos e Japão, e suas reverberações no próprio Núcleo, foi possível perceber a pluralidade de memórias presentes nos relatos, as quais representavam dois fluxos migratórios que se construíram em períodos distintos: a migração japonesa para o Núcleo Celso Ramos (entre as décadas de 1960 e 1970) e a emigração de imigrantes japoneses e descendentes do Núcleo para o Japão (entre as décadas de 1980 e 2000).

Esta comunicação se constitui de resultados e problematizações realizadas no Trabalho de Conclusão de Curso e pretende levantar novas questões e reflexões sobre estes fluxos migratórios presentes no Núcleo Celso Ramos. Neste sentido, o trabalho tem por objetivos apresentar reflexões e problematizações sobre as conexões entre estes dois fluxos migratórios, construídas a partir de memórias e relatos concedidos. As entrevistas foram realizadas através dos procedimentos metodológicos da História Oral, a qual se fez fundamental para a expressão e entendimento de subjetividades, considerando a escassez de documentos escritos, impressos e audiovisuais sobre a emigração do Núcleo que se iniciou na década de 1980. As memórias individuais se tornam “únicas”. Cada narrativa suscita “versões distintas do passado, ou seja, à memória” (PORTELLI, 1997). Esta última torna-se o centro desta pesquisa, já que, considerando as colocações do historiador Alessandro Portelli, por ser um processo individual, socialmente construído e compartilhado, “as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas” (PORTELLI, 1997)., porém, nunca exatamente iguais. A importância da História Oral se dá pelo reconhecimento de cada indivíduo como parte de um mosaico “em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos” (PORTELLI, 1997). A partir do objetivo proposto, este trabalho se constituirá em duas partes: a primeira abordará a construção dos dois fluxos migratórios já salientados; a segunda problematizará a construção de conexões temporais e identidades, a partir de

memórias da imigração e memórias que expressam as experiências migratórias no Japão, a partir da década de 1980.

Apresentando o Núcleo Celso Ramos: um lugar de imigrantes e emigrantes

O Estado de Santa Catarina, nas décadas de 1950 e 1960, insere-se em um momento no qual os projetos nacional-desenvolvimentistas estavam em andamento no Brasil e o Japão em reconstrução após a Segunda Guerra Mundial. A partir da pesquisa do historiador André Souza Martinello sobre a formação de núcleos agrícolas de imigrantes japoneses, o Estado de Santa Catarina começa a construir estruturas para a recepção de uma “nova mão-de-obra imigrante”. Estas estruturas surgem nos projetos desenvolvimentistas do Governo Federal e da dificuldade de atração de imigrantes japoneses para o Brasil. A partir do restabelecimento das relações entre Brasil e Japão em 1952, novas empresas de emigração e a criação de institutos com finalidades e promessas sobre a reforma agrária começam a ser fundadas de acordo com os interesses governamentais em ambos países.

As empresas de emigração teriam a função de organizar o recrutamento, o embarque de japoneses e o auxílio no país de destino, oferecendo uma estrutura organizada para os imigrantes, desde a sua partida nos portos japoneses até a sua instalação em cidades brasileiras, facilitando e tornando atrativo o processo de migração. A JAMIC (Imigração e Colonização Ltda) e a JEMIS (Assistência financeira S/A) foram empresas filiais do órgão japonês Serviço de Emigração – uma das companhias de colonização japonesa – criadas na década de 1960. Este era um momento no qual 85% destes imigrantes que se destinavam ao Brasil eram agricultores (MARTINELLO, 2007). O fluxo migratório para o país, interrompido durante a Segunda Guerra Mundial, volta a se intensificar nas décadas pós-guerra. Juntamente com essas empresas, os projetos do governo brasileiro tinham a intenção de atrair imigrantes, em especial, os japoneses para a “modernização” da agricultura (MARTINELLO, 2007).

O governador de Santa Catarina, Celso Ramos (1961-1966) começa a construir, também, estruturas e instituições que tinham como base este momento nacional-desenvolvimentista. Em 1961, observa-se a fundação do IRASC – Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina – o qual tinha como um de seus objetivos a desconcentração de latifúndios e a colonização de terras consideradas improdutivas (MARTINELLO, 2007). Este instituto tem um papel relevante no projeto da inserção de imigrantes japoneses em Santa Catarina, iniciado pelo governo Celso Ramos. Através de um convênio, o projeto visava a articulação entre o IRASC, o Consulado Japonês e a JAMIC de Porto Alegre para a fundação de novos núcleos agrícolas, os quais foram construídos entre as décadas de 1960 e 1970, nas quais imigrantes japoneses seriam selecionados para trabalhar no desenvolvimento agrícola de algumas regiões no estado (MARTINELLO, 2007). Segundo Martinello, a JAMIC exerceu um papel essencial neste processo, já que foi um dos instrumentos de organização e “tutela” do governo japonês, ao ver que um grande fluxo de japoneses, os quais mantinham vínculos com a agricultura, direcionavam-se ao Brasil.

Entre algumas tentativas da construção de núcleos agrícolas em Santa Catarina, encontra-se a do Núcleo Celso Ramos – cujo nome foi dado em homenagem ao governador do estado e fundado em 1965 – o qual, no projeto, sua localização se encontrava na região de Curitiba. A intenção de inserir o núcleo nesta cidade está relacionada às representações construídas e divulgadas por jornais que circulavam na região de Curitiba. Nas palavras de Martinello, “os japoneses seriam aqueles que por dominarem a técnica, um conhecimento especializado e trabalharem a terra de forma satisfatória, ensinariam aos que próximos a eles estivessem” (MARTINELLO, 2007).

A presença de imigrantes japoneses em Curitiba foi iniciativa da inserção de agricultores, os quais “modernizariam” com novas técnicas de plantio. Essas “técnicas” de cultivo dariam um novo passo ao desenvolvimento na cidade. A fundação do Núcleo Celso Ramos, no caso, ocorreu em um momento em que a “modernização agrícola” havia chegado a Santa Catarina, e agora se concentrava no centro-oeste e oeste catarinense, regiões nas quais o latifúndio predominava, até então, à chegada de imigrantes na região. A presença de outras etnias nesta localidade, como por exemplo, a alemã, teve como uma de suas atividades econômicas a plantação de trigo no denominado Núcleo Tritícola na década de 1950. Segundo Martinello, a inserção deste Núcleo não teria sido bem sucedida no cultivo de trigo, devido ao terreno acidentado da região, o qual não permitia mecanização da lavoura. A partir desta experiência frustrada do cultivo do trigo em Curitiba, esta produção começa a ser crescente no extremo-oeste catarinense, em regiões que apresentavam um terreno favorável à moto-mecanização. Neste sentido, era necessária outras alternativas de cultivo que estivessem no ritmo da “modernização agrícola”. Os imigrantes japoneses, os quais se estabeleceriam no Núcleo Celso Ramos, viriam a contribuir com a inserção da fruticultura e horticultura, ensinando os seus conhecimentos aos colonos ali antes presentes (MARTINELLO, 2007). A fundação do Núcleo, dirigida e situada em Curitiba ganha um propósito prático na perspectiva do Governo Estadual de Santa Catarina, no sentido de que seria ali o ponto principal da “modernização agrícola” no município.

Em uma perspectiva geral, a migração de japoneses para o Brasil, e especificamente para o Núcleo Celso Ramos, atravessa diversos processos conduzidos pelo Estado brasileiro e pelo Japão. Estes processos – construção de representações sobre o imigrante japonês, imigração dirigida e a imigração tutelada – mantêm articulações interdependentes as quais construíram toda uma estrutura da rede migratória entre Japão e Brasil. Essas reflexões mostram que o aparato administrativo do Estado não apenas quis uma imigração dirigida, como também precisou do suporte e estruturas na imigração de tutela para atrair e trazer imigrantes japoneses. A relação entre políticas migratórias no pós-guerra e o nacional-desenvolvimentismo a partir da década de 1960 se mantêm através de um elo que se constitui na apropriação do primeiro pelos ideais e representações construídas pelo segundo. Em meio a essas representações, as dos imigrantes japoneses nos permitem considerá-las, nas palavras do historiador Roger Chartier, “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua”. A construção de identidades do imigrante japonês e as suas reconstruções têm em seu centro a representações como um fator dinamizador e potencializador de práticas de restrição e seletividade destes imigrantes, legitimando os interesses do governo brasileiro nas primeiras décadas no período pós-guerra.

Pensar na construção do Núcleo Celso Ramos é algo que se torna indissociável da migração e do mundo agrícola. Desde a década de 1960, como já colocado, o Núcleo se construiu a partir de articulações governamentais e da vinda de fluxos migratórios internacionais e internos de japoneses que se inseriram na agricultura. No final da década de 1980, a migração continua presente no núcleo, porém com outras configurações: alguns japoneses e seus descendentes saem de suas atividades agrícolas, deixando parentes e seus lares, para se inserirem no mercado de trabalho internacional. Esses dois elementos constituídos no mesmo – a migração e a agricultura – passam por um processo de transformação, a partir da migração de integrantes do Núcleo para o Japão.

Neste sentido, podemos observar a migração e a agricultura presente no Núcleo em duas etapas: a primeira seria desde a década de 1960 até 1980, na qual se observa a vinda de imigrantes japoneses na execução de atividades agrícolas e a constituição de famílias. O Núcleo até então, pode ser considerado um lugar de imigração; a segunda etapa partiria da década de 1980 até a década de 2000, na qual se observa um fluxo migratório dos integrantes

do Núcleo, da região de Curitiba, e posteriormente, Frei Rogério (ex-distrito de Curitiba) para o Japão. Nesta perspectiva, o Núcleo Celso Ramos deixa de ser um lugar de imigração e passa a ser um lugar de emigração, já que muitos descendentes dos imigrantes japoneses começam a migrar para o Japão, principalmente na década de 1990, por conta dos impactos e reverberações da crise econômica que se instaura no Brasil na década de 1980. Manter a condição de agricultor torna-se insustentável quando a crise atinge o setor agrícola brasileiro. As consequências foram sentidas ao longo da década de 1990, quando estes agricultores não conseguiram cobrir as suas dívidas acumuladas por conta dos financiamentos realizados nos bancos para o investimento em suas propriedades agrícolas ou quando a Cooperativa Agrícola de Cotia – com a qual mantinham relação desde a década de 1970 – entra em falência nos meados da década de 1990. A solução encontrada foi a migração para o Japão para a manutenção da condição de agricultor, porém outros, perceberam que esta condição estava se tornando cada vez mais difícil. O que cabe salientar é que optar por emigrar parte de uma junção de vários fatores, sejam estes econômicos, sociais, culturais.

Nas entrevistas, realizadas nos anos de 2009 e 2010 com aqueles que partiram do Núcleo Celso Ramos em direção ao Japão, além de transparecerem as memórias de suas experiências e do cotidiano no país de destino, outras começaram a aparecer nas entrelinhas dos seus relatos, sugerindo a construção de identidades do próprio Núcleo. Entre os relatos, os motivos e os sentidos da emigração do Núcleo Celso Ramos a partir da década de 1980 são diversos e distintos. No entanto, estes motivos sempre transcendem os econômicos. Alguns entrevistados falam a respeito de “voltar à terra dos pais”; nas entrelinhas de algumas das narrativas sobre a experiência migratória, os entrevistados falam a respeito dos trâmites burocráticos para conseguir entrar no país, tocando na questão das políticas migratórias do Japão. Cabe salientar que o contato entre emigrados e potenciais migrantes, também construiu, ao longo destas duas décadas, uma complexa rede social a qual pode ser considerada um espaço de troca de informações e de construção de representações.

Construindo pontes temporais: memórias da imigração e da emigração

A referência ao Núcleo Celso Ramos como um lugar de imigração e de emigração, e não exatamente de uma cidade em específico, toca na questão da identidade e laços construídos por seus integrantes. O Núcleo Celso Ramos foi fundado em um dos distritos do município de Curitiba, e a partir de então, os imigrantes japoneses e posteriormente, com as suas famílias, construíram diversas práticas que tocam na construção de identidades do/no mesmo. A partir de 1995, o distrito que fazia parte de Curitiba pede e consegue emancipação, tornando-se um município de atividades administrativas autônomas: Frei Rogério. Juridicamente, a sede do Núcleo passa a se situar neste município. Nas entrevistas, raras vezes aparece algum “sentimento de pertença” às cidades de Curitiba ou de Frei Rogério, e quando aparece, há logo em seguida uma ênfase referente ao Núcleo Celso Ramos. Isto, talvez, não somente por causa da mudança de jurisdição da sede do Núcleo, mas também porque esta relação de pertença se constitui estreitamente com o Núcleo em si. Nos relatos, a expressão “colônia” ou “Núcleo Celso Ramos” aparece comumente relacionado a “uma cultura japonesa”, transparecendo alguns aspectos culturais. A partir das entrevistas, este último pode ser considerado um espaço de construção de memórias, práticas e representações nas quais transparecem aquilo que é considerado para seus integrantes “parte de uma cultura japonesa”, a qual é imaginada, pois mesmo quando as suas distintas versões emergem nos relatos, ela é pensada a partir de um sentimento de comunhão.

Memória: “lembança, reminiscência, recordação”. Esta palavra encontrada num folhear de páginas de um dicionário da Língua Portuguesa traz até nós três palavras as quais podem significar o sentimento da distância, de algo ou de um tempo que já passou. Porém,

aquilo que já se foi permanece ainda vivo em nosso presente, não somente em nossas mentes como um passado cristalizado, parado, intacto, pois expressar aquilo que foi vivido ou ouvido possui várias maneiras de contar e recontar, de ênfases, de esquecimentos. Lembrar pode significar a recordação daquilo que nos é mais caro, mais importante, e quando compartilhada – concordando com o que o historiador Paul Thompson nos diz – pode liberar sentimentos poderosos, alegrias, dores, lágrimas, sorrisos e risos. Pode-se dizer então, que a memória ganha a adjetivação “latente” por evocar aquilo que incomoda, pode ser omissa da mesma forma que pode ser rememorada por possuir aquilo que dá sentido aos atos, por significar intenções e até mesmo legitimações. A memória pode ser considerada “ativa”.

Presente como o centro de muitos estudos, a memória torna-se ponto de discussão na sua relação com a História na apreensão das relações entre o passado, presente e futuro, aproximando-se da história pela sua "ambição de veracidade" e pela sua continuidade temporal (SILVA, 2002). Segundo o historiador François Dosse, “a memória pluralizada, fragmentada, extravasa hoje por todos os lados o território do historiador”. Neste sentido, cabe ao historiador a tarefa da apreensão da relação do presente da memória (de um acontecimento) e do passado histórico (desse acontecimento), em função da concepção de um futuro desse passado (SILVA, 2002).

Ao analisar as entrevistas, observo a construção de uma memória socialmente compartilhada entre os relatos, uma memória da imigração a qual se constitui como base da construção de identidades que constroem consciências individuais e coletivas acerca do que é ser descendente de japoneses. A memória torna-se um elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa e/ou como membro (DELGADO, 2006), no caso, do Núcleo Celso Ramos. É na memória das pessoas entrevistadas, que o Núcleo Celso Ramos encontra um lugar e um tempo. Este, por sua vez torna-se um espaço no qual estas memórias possam agir. Falar sobre a infância e da história de seus pais ou dos imigrantes japoneses no Núcleo são alguns traços que constituem este compartilhamento de memórias. Ao analisar as entrevistas, percebe-se, então, uma pluralidade de “memórias da imigração”, as quais são parte de uma interpretação da história sobre o Núcleo Celso Ramos, transparecendo, também, a construção de identidades e identificações.

Para esta comunicação, uma entrevista realizada, no ano de 2010, com Maria e Rafael foi selecionada, tendo-a como ponto de problematização e levantamento de questionamentos. Maria e Rafael são irmãos e descendentes de imigrantes japoneses (pais). Foram diversas vezes para o Japão, desde quando crianças. Aos 32 e 33 anos, respectivamente, ambas construíram trajetórias migratórias distintas em diversos pontos. Maria permaneceu alguns anos no Japão como estudante de mestrado, e Rafael, por mais de uma vez, direcionou-se ao país para se inserir no mercado de trabalho japonês, em indústrias de componentes eletrônicos para saldar as dívidas acumuladas em Frei Rogério. Durante a entrevista, os dois irmãos contam sobre a vinda de seu pai ao Brasil, em 1971.

Rafael: Família dele, plantava ...é...árvores, fazia reflorestamento né, só que é..era...era assim, ele plantava pra outra geração cortar né. Eles cortavam o que a outra geração plantou. Daí, era um sistema assim né. Daí o meu pai ajudava a reflorestar lá no Japão

Entrevistadora: entendi

Rafael: Mas ele veio pro Brasil com o sonho de fazendeiro né

Maria: é. Ele tinha acabado de se formar, tinha 16 anos acho... jyu-roku,daí ele veio, queria ter uma fazenda bem grande (risos), que era isso que ele dizia no Japão né, que no Brasil era bom, que era um país, era próprio pra se encher de...

Rafael: na época, o Brasil, no Brasil dava dinheiro

Entrevistadora: entendi

Rafael: então tinha muita gente vindo do Japão. Não na época do meu pai, um pouquinho antes ainda né. Mas uns dez, vinte anos antes que meu pai veio assim, era a época que o Brasil

dava mais dinheiro, então o pessoal vinha, fazia o contrário, fazia o dekassegui no Brasil e voltava pro Japão. Depois não sei quantos anos virou o contrário.¹

A partir deste trecho selecionado da entrevista com Maria e Rafael, percebe-se que ambos contavam com vivacidade a história da migração de seu pai ao Brasil, uma memória da imigração construída pelos dois irmãos. Eles contam sobre um tempo o qual não vivenciaram, mas ouviram falar: o tempo da imigração que se expande a outras pessoas, não se restringindo apenas ao seu pai. Observa-se aqui a construção de memórias compartilhadas, nas quais aparece a referência do presente: “o pessoal vinha, fazia o contrário, fazia o dekassegui no Brasil”. Rafael resignifica um momento do passado a partir daquilo que lhe é mais próximo, o movimento *dekassegui*. Tenta explicar migrações anteriores, do Japão para Brasil, a partir do significado desta expressão. Segundo a socióloga Elisa Massae Sasaki, *dekassegui* significa “trabalhar fora de casa”, e se referia àqueles que migravam temporariamente, principalmente do norte e nordeste do Japão, para áreas desenvolvidas, quando o inverno interrompia as atividades agrícolas nesses locais. Posteriormente, este termo foi empregado aos *nikkeis* (descendentes de japoneses nascidos fora do território japonês) que se inserem no mercado de trabalho no Japão “temporariamente”, exercendo atividades de baixa qualificação. O mercado de trabalho não qualificado era representado pelos japoneses pelos “3K”: *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso). O emprego deste termo sofre transformações quanto às representações ao qual era associado, a partir da perspectiva dos próprios imigrantes (SASAKI, 1999).

Na continuação da entrevista realizada com Maria e Rafael, os dois irmãos nos contam a respeito do convívio com brasileiros e japoneses, tanto durante o tempo de migração no Japão, como em sociedade brasileira, mais especificamente, no Núcleo Celso Ramos:

Maria: [...] Mas a gente não tem esse convívio...aqui no Brasil é, sei lá, 95% das pessoas que a gente convive é brasileiro né, e 5% de vez em quando, a gente encontra com essas pessoas que são bem japonês, e por isso que a gente não percebe muito assim. Eu acredito que, se todo...se a colônia fosse fechada, em ao entrasse nenhum brasileiro, e a gente não pudesse sair, ia sentir quase, talvez a mesma coisa. Porque eles são meio...japonês tem meio um jeito diferente de pensar e, eu acredito que depois que eu fui pra lá, que eu sou mais brasileira do que japonês. Porque a gente é meio a meio.

Rafael: mas assim ó, as pessoas que vieram pro Brasil já é, já são meio diferente do japonês do Japão...

Maria: ...porque quiseram sair do Japão

Rafael: então, tem uma mentalidade assim diferente, então não acho que ia mudar muita coisa. Que o pessoal aqui, convivendo aqui, não sei, se for...claro que tem japonês com pensamento de lá igualzinho né, mas a maioria são pessoas meio que diferente, sabe...japonês que...

Maria: ...por isso que saíram de lá

Rafael: é, por isso que saíram de lá, querendo coisas novas né, e são bem diferente. Então...

Entrevistadora: tu diz, o japoneses que vieram pra cá?

Maria: que vieram pra cá

*Entrevistadora:*entendi

Rafael: então, é um pouquinho...se pode ver...nota né, nem que seja o japonês do Japão, se conversando assim e indo pro Japão de novo você nota uma certa diferença né. Então, acho que... talvez, mesmo que tivesse fechado, é claro que ia ser um pouquinho mais diferente, mas não ia ser tão rigoroso como no Japão né, eu acho. O pessoal aqui são bem mais assim aberto né, não sei se porque conviveu mais com brasileiro aqui, mas assim... a maioria que vieram do Japão pra cá, é... são pessoas diferente. Acho que é um pouquinho diferente.

*Maria:*é, querer sair e ir pra um país bem longe de navio, é já...

Rafael: aí não pode ser quieto né...

(*Maria:*é, tem sonho)

Rafael:...Se for pra um país assim, não pode ser uma pessoa quieta assim, que só pensa que é...

Maria: que é uma coisa assim, comodismo né, tipo aceitar tudo. Também já quebraram essa barreira né. Falar assim “não, não quero ficar aqui, eu quero sair”. Isso já é um passo grande, já mostra que a pessoa já é bem difer...assim né, alternativa assim né, mais diferente.²

Neste relato e em outras entrevistas realizadas, encontram-se estas “memórias da imigração” contada pelos descendentes de imigrantes japoneses no Núcleo Celso Ramos. Neste trecho do relato, Maria e Rafael constroem relações entre passado e presente, em um processo de construção de identidades no Núcleo Celso Ramos. Para tal, os irmãos recorrem à memória da imigração, à vinda de imigrantes japoneses que tem como referência, um lugar inicial na narrativa: o Núcleo Celso Ramos. Logo, este lugar se expande e alcança a dimensão do fluxo do Japão para o Brasil. Ao falar sobre “o pessoal aqui”, os japoneses vistos do ponto de vista do presente de Maria e Rafael, os irmãos fazem referências aos imigrantes japoneses como “diferentes”, comparando com os japoneses com os quais tiveram contato em suas experiências migratórias na década de 2000.

Ao falarem sobre aos imigrantes japoneses, observa-se que há a presença daquele imigrante “*japonês de lá, igualzinho*”, “*quieto*”. E ao mesmo tempo, observa-se também que há o imigrante japonês “*diferente*”, “*alternativo*”, “*mais liberal*”. Aquele que nas palavras de Rafael, “*buscam coisas novas*”. As memórias contadas sobre os imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos constituem uma história sobre aqueles que saíram de sua terra natal, atravessaram o oceano em busca de seus sonhos. Contar a história da vinda dos pais ou dos imigrantes japoneses remete a uma história de aventuras, no quebrar de barreiras em um caminho que se percorre para chegar ao seu objetivo, o realizar do sonho. A negação ao comodismo. O movimento que se opõe ao estático, ao imutável. Falar sobre este imigrante japonês “diferente”, Maria e Rafael constroem identidades, uma das facetas “japonicidade”³, resignificando a memória da imigração, cujo o ator principal, o imigrante japonês canaliza os horizontes de expectativas, não é sinônimo de comodismo. O “não quero ficar aqui” encontra-se com o sonho de partir para uma terra na qual a prosperidade é possível. A memória da imigração parece ser perpetuada na narrativa dos irmãos quando o imigrante japonês mãos “aberto” aparece relacionado ao “pessoal aqui”, o pessoal que ainda vive, está presente no presente. O passado é resignificado no presente, não no sentido exemplar de uma história magistral vitae (HARTOG, 1996), pois as memórias ao que Maria e Rafael se referem são representações do passado, memórias reformuladas, memórias que são resignificadas para a construção de identidade e identificação no presente. As memórias da imigração não pertencem somente àqueles que migraram para o Brasil, mas também àqueles que a tomam para si no processo do contar e do recontar, àqueles que darão o sentido de sua continuidade. Com referências à filósofa Jeanne Marie Gagnebin, os donos das vozes nas narrativas transformam-se em testemunhas, porém, como a própria filósofa salienta, este conceito precisa ser ampliado. Não se trata apenas de “testemunhas diretas”, mas também daquelas que ouvem, em um processo de “transmissão simbólica”, uma “retomada reflexiva do passado” para “esboçar uma outra história” e “inventar o passado” (GAGNEBIN, 2004, p.83-91). Trazer à superfície estas memórias significa uma relação entre o presente e o vivido por si ou por outrem, uma relação na qual há o entrelaçamento de diversas memórias (PASSERINI, 1996). A conexão entre presente e vivido remete por fim à relação entre presente e futuro (PASSERINI, 1996), na qual a vivência foi contada à outrem, presentes em memórias resignificadas entre gerações, estas memórias que são elos entre distintas temporalidades.

Considerações Finais

Esta comunicação não pretendeu abordar apenas a imigração japonesa em si no Núcleo Celso Ramos, mas expressar a sua complexidade quando representada em memórias que constituem um processo histórico no Núcleo, o qual abrange a emigração para o Japão, ou, as migrações contemporâneas. Este trabalho não se trata especificamente da apresentação ou a configuração da formação deste fluxo migratório, mas de outras perspectivas e sobre alguns dos impactos da migração que se inicia na década de 1980 do Núcleo Celso Ramos para o Japão. Tais impactos são percebidos nas narrativas dos entrevistados, nos conflitos entre memórias e representações na construção de identidades. Nos conflitos entre gerações, entre os primeiros imigrantes japoneses e emigrantes (japoneses e seus descendentes) para os quais a memória da imigração aparece por vezes representando o imigrante japonês como “conservador”, “autocrático” e como salientado neste trabalho, o imigrante “mais aberto”.

Na entrevista com Flávia – descendente de pais japoneses, emigrou ao Japão em 1989 pela primeira vez, aos 19 anos – ao perguntar se ela se identifica com uma “cultura japonesa” ela nos responde:

Eu acho que, a cultura eu me identifico, as raízes são...me identifico sim. Tudo bem que sim, no meio dessa cultura. Mas muitas coisas que a gente foi educada na cultura ocidental, a gente, é adquirida também, a gente compreende os dois lados. Então a gente é um ponto de equilíbrio na verdade, a gente entende o lado ocidental, a cultura, como o oriental. E não pode ser tão extremo. Então eu acho que é uma dádiva isso aí pra nós. Que a gente entende os dois lados[...] aqui tem muito daquele lado autocrático. Que tem que ser assim, quando conversando né, esse negocio de que ‘tem que fazer, porque eu to mandando’ não cola comigo (risos)[...] eu sou uma geração que chegou assim...o *Nihonjinkai* [associações de japoneses] ali, sempre foi governado pelos *isseis* [primeira geração de imigrantes, nascidos no Japão]. Agora tá chegando o ponto de que os *nisseis*, que entendem o outro lado, que começam a ter a visão deles e contribuir muito pra que as coisas funcionem melhor. Porque não pode ser uma comunidade isolada, não...num país que...eles começaram, é um impacto que os *isseis* tão sentindo. E nós *nisseis* que compreendemos que temos que remediar isso aí tudo. Isso aí to sofrendo na pele isso aí, essa diferença. Mas graças a Deus! Esse lado de compreender tanto um lado ou outro. Agente consegue.⁴

Flávia ao falar dessa relação entre japoneses e brasileiros – que se mostra historicamente não sem conflitos, assim como observada em outros grupos étnicos – se coloca como um “ponto de equilíbrio” que expressa uma identidade hifenizada, a qual o historiador Jeffrey Lesser nos conta sobre a negociação de identidades de imigrantes de diversos grupos étnicos no Brasil durante o século XX, “a etnicidade trazidas e construídas por esses imigrantes eram situacionais, e não ‘identidades primordiais imutáveis’. Em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua ‘niponicidade’ ou sua ‘libanicidade’, tanto quanto a sua ‘brasilidade’” (LESSER, 2001). No entanto, o que há a ressaltar aqui não se trata apenas de conflitos, mas da constante negociação de identidades na manutenção da organização no *Nihonjinkai* e as práticas culturais instituídas.

As representações da “japonicidade” são situadas no tempo e espaço. Para uma das entrevistadas o japonês “autocrático” pertence ao presente, no Núcleo Celso Ramos. Já para Maria e Rafael, esta representação não é regra no Núcleo, mas aparece no presente para o japonês no Japão de suas experiências migratórias. A memória da imigração e memória da emigração expressam representações que se cruzam por diversas vezes nas narrativas de formas complexas, e se fazem relevantes na construção de identidades no/do Núcleo Celso Ramos. As expectativas dos imigrantes que vieram no período pós-guerra ao Núcleo foram contadas e atravessaram gerações, pluralizando os significados da imigração no Núcleo Celso Ramos, estabelecendo relações com o fluxo migratório para o Japão que se configurou a partir da década de 1980. As memórias da imigração e da emigração se cruzam por diversas vezes, e seus sentidos se encontram em conexões entre passado, presente e futuro, na construção de espaços, na (re)construção memórias e resignificação das mesmas no presente. Considerando

o Núcleo Celso Ramos como um “espaço”, nas palavras de Michel de Certeau, “o espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais[...]o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2008, p.151-214). Nesta perspectiva, o Núcleo Celso Ramos torna-se um espaço de conflitos e memórias compartilhadas entre gerações.

Fontes Orais:

Entrevista realizada com Flávia em 15 dezembro de 2009.

Entrevista realizada com Maria e Rafael em 24 de abril de 2010.

Referências

BORGES, Rosângela de Fátima. *A Imigração Japonesa em Curitiba*. Caçador (SC): Angelus, [2004?]

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Petrópolis; Rio de Janeiro. 4ª Edição. Editora Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e Representações*. Tradução de Maria M. Galhardo. Lisboa: Difel, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

DOSSE, François. *História à Prova do Tempo: da História em Migalhas ao Resgate do Sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. P.7-72.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTOG, François. *Como escrever a História da França hoje?*. História Social. Revista dos pós-graduandos em História da UNICAMP. Campinas, 1996, nº3. Acessível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/89/84>

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MARTINELLO, André Souza. *Política Agrária e Imigração nas Colônias Japonesas de Santa Catarina (1961-1978)*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

PASSERINI, Luisa. A "lacuna" do presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.211-214.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, abril de 1997, vol. 15.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento Dekassegui: A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SASAKI, Elisa M. Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. In: Revista Brasileira de História. vol.22 no.44. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01020188200200008#top16

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

¹ Entrevista realizada com Maria e Rafael em 24 de abril de 2010.

² Idem.

³ Elisa Sasaki realiza um estudo, no qual o Japão, um gênero literário e acadêmico, o *Nihonjiron* ("teorias da japonicidade") se constituiu em um discurso da diferença, exprimindo os valores "japoneses" e colocando em lados opostos o Japão e o Ocidente. O *Nihonjiron* propôs, em distintos momentos históricos, um debate, se não um embate, sobre aquilo que seriam "aspectos típicos japoneses", uma seleção daquilo que caberia dentro de um "autêntico japonês", de "uma tradição japonesa". A partir da pesquisa da mesma autora, nas diferenças com o Ocidente, e logo depois, particularmente com o Estados Unidos (e vice-versa), o Japão construiu aquilo que seria a sua "integridade identitária", de acordo com os contextos no qual vivia, o antes, o durante e o pós guerra. Uma identidade, a qual estava associada à homogeneização e enaltecia o nacionalismo, chegando à comercialização deste "nacionalismo japonês" nas décadas anteriores e seguintes à Segunda Guerra Mundial. Sasaki salienta que a "japonicidade" tem que ser 'imaginada' pelos 'Outros' [aquele que se construiu como Ocidente], assim como pelos seus próprios membros, embora diferentemente".³ In: SASAKI, Elisa M. *Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. Nesta perspectiva, da mesma forma que o Japão constrói esta "japonicidade" ao longo do século XX, aqueles que integram o Núcleo Celso Ramos, "imaginam a japonicidade", na construção de identidades, a partir das diferenças encontradas na sociedade brasileira, que mesmo não sendo explicitada pelos entrevistados, aparece no silêncio sobre esta questão nas entrevistas.

⁴ Entrevista realizada com Flávia em 15 dezembro de 2009.